

O jogo simbólico na intervenção fonoaudiológica de crianças com transtorno do espectro autístico

The symbolic game in speech-language intervention with children with autistic spectrum disorder

El juego simbólico en la intervención fonoaudiológica de niños con trastorno del espectro autístico

*Cristiane Monteiro Pedruzzi**
*Cássia Heloíse Alcino Almeida**

Resumo

Objetivo: Verificar a proposta do jogo simbólico na intervenção fonoaudiológica com crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autístico. **Método:** Estudo de casos, com abordagem qualitativa. Foi realizada em duas instituições filantrópicas de uma capital de um estado do Nordeste, com fonoaudiólogos que atuam com crianças autistas. Os fonoaudiólogos, denominados como F1, F2, F3, F4 e F5, responderam a uma entrevista estruturada com treze questões. As entrevistas obtiveram, em média, duração de 30 minutos, e foram realizadas no ambiente de trabalho do profissional. As respostas dos participantes foram analisadas e descritas conforme análise de conteúdo. **Resultados:** Os profissionais, quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, possuem entre dois e nove anos de atuação, apenas dois têm formação relacionada ao autismo e dois relataram atender a uma demanda de mais de vinte crianças por semana. A maioria dos profissionais atua de forma generalista, não havendo busca por formação relacionada ao autismo. Em relação à estimulação do jogo simbólico, apenas três relataram que ocorre desde o início da terapia. Relataram avanços relacionados ao comportamento das crianças, e justificaram que tais avanços também são relatados por pais e outros profissionais. **Conclusão:** Foi possível observar variáveis que influenciam diretamente na estimulação do jogo simbólico relacionadas à formação, tempo de atuação e carga horária exclusiva para atendimentos dos pacientes. Para alguns fonoaudiólogos que

*Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas – UNCISAL. Maceió, Alagoas, Brasil

Contribuição dos autores:

CMP: Orientação, revisão bibliográfica e análise de dados. CHAA: Coleta de dados, revisão bibliográfica, redação e análise dos dados.

E-mail para correspondência: Srta. Cássia Heloíse Alcino Almeida cassiaheloise.98@hotmail.com

Recebido: 14/08/2017

Aprovado: 02/05/2018

atuam na área, são necessárias abordagens que estimulem comportamentos funcionais e hábitos de vida diária, considerando o jogo simbólico como secundário para o desenvolvimento cognitivo e da linguagem.

Palavras-chave: Transtorno Autístico; Fonoaudiologia; Crescimento e Desenvolvimento; Cognição.

Abstract

Objective: To verify the proposal of the symbolic game in speech-language intervention with children diagnosed with Autistic Spectrum Disorder. **Methodology:** Case study with qualitative approach. It was performed at two philanthropic institutions in a capital of a Northeastern state, with speech pathologists working with autistic children. Speech-language pathologists, referred as F1, F2, F3, F4 and F5, answered a structured interview with thirteen questions. The interviews obtained, in average, duration of 30 minutes, and carried out in the work environment of the professional. Participants' responses were analyzed and described according to content analysis. **Results:** Professionals, four females and one male, have between two and nine years of service, only two have autism related training and two reported attending a demand of more than twenty children per week. Most of the professionals work in a general way, and there is no search for autism-related training. Regarding stimulation of symbolic play, only three reported that it occurs from the beginning of therapy. They reported advances related to the behavior of children, and justified that such advances are also reported by parents and other professionals. **Conclusion:** It was possible to observe variables that directly influence the stimulation of the symbolic game, related to the training, time of performance and exclusive hours for patient care. For some speech therapists working in the area, approaches that stimulate functional and adequate behaviors are necessary, considering the symbolic play as secondary to the cognitive and language development.

Keywords: Autistic Disorder; Speech, Language and Hearing Sciences; Growth and Development; Cognition.

Resumen

Objetivo: Verificar la propuesta del juego simbólico en la intervención fonoaudiológica con niños diagnosticados con Trastorno del Espectro Auténtico. **Metodología:** Estudio de casos con enfoque cualitativo. Se realizó en dos instituciones filantrópicas de una capital de un estado del Nordeste, con fonoaudiólogos que actúan con niños autistas. Los fonoaudiólogos, denominados F1, F2, F3, F4 y F5, respondieron a una entrevista estructurada con trece cuestiones. Las entrevistas tuvieron, en promedio, una duración de 30 minutos, realizadas en el ambiente de trabajo del profesional. Las respuestas de los participantes fueron analizadas y descritas según análisis de contenido. **Resultados:** Los profesionales, cuatro del sexo femenino y uno del sexo masculino, tienen entre dos y nueve años de actuación, apenas dos tienen formación relacionada al autismo y dos relataron atender a una demanda de más de veinte niños a la semana. La mayoría de los profesionales actúa de forma generalista, no buscando una formación relacionada al autismo. En cuanto a la estimulación del juego simbólico, sólo tres relataron que ocurre desde el inicio de la terapia. Informaron avances relacionados al comportamiento de los niños, y justificaron que tales avances también son relatados por padres y otros profesionales. **Conclusión:** Fue posible observar variables que influyen directamente en la estimulación del juego simbólico, relacionadas a la formación, tiempo de actuación y carga horaria exclusiva para atender a los pacientes. Para algunos fonoaudiólogos que actúan en el área son necesarios abordajes que estimulen comportamientos funcionales y hábitos de vida diaria; considerando el juego simbólico como secundario para el desarrollo cognitivo y del lenguaje.

Palabras clave: Trastorno Autístico. Fonoaudiología. Crecimiento y Desarrollo. Cognición.

Introdução

O jogo simbólico é uma das principais formas de expressão na infância, por meio do qual a criança pode revelar seu mundo interior, expressando seus desejos e sentimentos, adaptando-se, também, ao meio em que vive.^{1,2} Partindo do pressuposto cognitivista o jogo simbólico da criança demonstra suas principais aquisições, sendo importante também para a formação do seu caráter social³.

De acordo com estudiosos que defendem tal proposta teórica, o surgimento do jogo simbólico é entendido como um dos pré-requisitos para o surgimento da linguagem. Com a evolução de tal habilidade, há a ressignificação dos objetos, ampliando a visão de mundo da criança, havendo a revelação dos interesses pessoais desta e do nível cognitivo/criativo alcançado por ela^{3,4}.

Para as crianças com Transtorno do Espectro Autístico (TEA) pode haver dificuldade em simbolizar; esse fato faz com que elas desempenhem uma brincadeira de “faz-de-conta” restrita, demonstrando repetição na sua brincadeira e limitações na aquisição de metáforas.⁵ Há correlação no atraso da evolução de algumas áreas do desenvolvimento no TEA com dificuldades em simbolizar⁵. A criança autista pode demonstrar grande dificuldade na capacidade simbólica e isso impede que ela possa estabelecer habilidades de reciprocidade social^{6,7}.

Há estudos que comprovam, de forma quantitativa e qualitativa, a dificuldade na capacidade simbólica que é manifestada pela criança com TEA. Por exemplo, uma pesquisa avaliou três grupos, cada um composto por dez crianças, subdividindo-se em: Autismo (AU), Síndrome de Down (SD) e Desenvolvimento Típico (DT). Este estudo tinha como objetivo avaliar os itens de um protocolo que discriminasse crianças com autismo. Os autores analisaram que 100% das crianças do grupo AU não apresentaram capacidade simbólica, confirmando a singularidade dessa característica em crianças autistas⁸.

O jogo simbólico, portanto, é uma habilidade que deve ser estimulada, possibilitando que a criança com TEA possa representar e, posteriormente, compreender o seu papel. Para alguns pesquisadores, a partir do jogo simbólico, serão desenvolvidos esquemas de ação e, conseqüentemente, a criança adquirirá noções acerca do ambiente em que vive^{3,7,9,10}.

Além disso, o jogo simbólico poderá proporcionar o estabelecimento de regras e propor a execução de ações cotidianas. O fonoaudiólogo, estimulando o desenvolvimento dessa habilidade, extremamente importante, poderá obter ferramentas para o desenvolvimento de outras áreas.

É necessário que o fonoaudiólogo esteja apto a observar a individualidade da criança e, dessa forma, conduzir um plano terapêutico estruturado com recursos que possam garantir uma maior participação do paciente na terapia. É possível encontrar na literatura várias propostas de intervenção fonoaudiológica, porém, ainda há grande demanda de estudos relacionados a tal aspecto, uma vez que existem lacunas quanto a esta questão¹¹. Portanto, partindo do pressuposto cognitivista de jogo simbólico e sua importância para o desenvolvimento da linguagem, o objetivo deste estudo é verificar o jogo simbólico na intervenção fonoaudiológica em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autístico.

Método

Este estudo foi submetido à avaliação e aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) de uma Universidade Estadual do Nordeste, em 23 de julho de 2016, sob CAAE de Nº 57030816.3.0000.5011. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), respeitando as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos, foi assinado pelos participantes da pesquisa.

Esta pesquisa define-se como qualitativa observacional transversal, desenvolvida no período de agosto a setembro de 2016 em duas instituições de uma cidade de Alagoas (que foram escolhidas a partir da permissão do responsável para a realização da pesquisa) com fonoaudiólogos que atuam com crianças autistas com faixa etária de seis a doze anos. Todos os profissionais, selecionados por indicação do coordenador de cada instituição, atendem crianças com TEA, fazendo parte do critério de inclusão desta pesquisa (fonoaudiólogos que atuam com crianças autistas). Foram excluídos os profissionais que, apesar de possuírem experiência, já não atuavam mais com crianças autistas.

Dessa forma, a amostra foi composta por cinco fonoaudiólogos, quatro participantes eram do sexo feminino e um do sexo masculino. Os fonoaudiólogos, denominados como F1, F2, F3, F4 e F5 responderam, individualmente, a uma entrevista

estruturada com base em um estudo da mesma natureza¹² (Apêndice B) com doze questões elaboradas pelas pesquisadoras, com base nas variáveis estudadas: quatro questões fechadas, relacionadas às informações gerais dos profissionais (idade, tempo de formação, formação continuada) e oito questões abertas relacionadas às metodologias utilizadas em terapias com crianças autistas, evoluções observadas durante a terapia e a estimulação do jogo simbólico. As entrevistas foram respondidas pelos profissionais, ocorreram no período de agosto a setembro de 2016, obtiveram, em média, duração de 30 minutos, e foram realizadas no ambiente de trabalho do profissional.

Para a análise qualitativa dos dados, foi utilizado o método de Análise de Conteúdo. Tal método consiste em uma técnica subjetiva de procedimentos sistemáticos para a análise da comunicação, possibilitando análise e descrição detalhadas da mensagem emitida¹³. Primeiro, realizou-se a análise dos manuscritos dos profissionais, em seguida os elementos-chave para tal análise foram elencados e categorizados.

Dessa forma, com os resultados foram analisados conforme os três eixos estabelecidos pelas pesquisadoras, correspondentes às variáveis estudadas na pesquisa: atuação profissional, métodos e habilidades, e brincadeira simbólica. Tais variáveis foram definidas de acordo com a literatura, havendo registros de que estas são fatores contribuintes para uma intervenção fonoaudiológica eficaz.^{11,14}

Resultados

Os participantes, quatro do sexo feminino e um do sexo masculino, tinham entre 25 e 40 anos de idade. Em relação ao tempo de atuação, dois participantes tinham dois anos de atuação, um participante tinha três anos, e dois possuíam nove anos de atuação, com média de 4,2 anos. Desses, apenas F3 e F4 têm formação relacionada ao autismo correspondente ao *Treatment and Education of Autistic and Communication Handicapped Children* (TEACCH), *Applied Behavior Analysis* (ABA), *Picture Exchange Communication System* (PECS) e Integração Sensorial.

PROFISSIONAIS	FORMAÇÃO RELACIONADA AO AUTISMO	TIPO DE FORMAÇÃO	Nº DE CRIANÇAS AUTISTAS ATENDIDAS/ SEMANA
F1	-	-	05-10
F2	-	-	05-10
F3	Sim	TEACCH, PECS, IS	11-20
F4	Sim	ABA, TEACCH, PECS, IS	>20
F5	-	-	>20

Figura 1. Dados sobre a formação e demanda dos profissionais

Em relação à média de crianças autistas atendidas por semana, F1 e F2 atendem de cinco a dez crianças por semana; F3 de 11 a 20; F4 e F5 mais de vinte crianças (Figura 1). Com uma média de 11 a 20 crianças atendidas por um profissional semanalmente.

Observou-se que a maioria dos profissionais não apresenta curso de formação e apenas dois possuem formação complementar relacionada ao TEA. Soma-se a isso o fato de que os profissionais que não têm formação relacionada ao TEA (F1, F2 e F5) atuam de forma generalista ou têm formação em áreas específicas, havendo busca por atualização relacionada às áreas de conhecimento ou de maior

demanda, não exclusivamente para o autismo. No que se refere às principais metodologias aplicadas na terapia fonoaudiológica, mesmo com apenas duas profissionais com formação específica, observou-se predominância do TEACCH, ABA e PECS, havendo também inclusão da Integração Sensorial pelas duas fonoaudiólogas mencionadas.

De acordo com os profissionais, as principais queixas apontadas pelos responsáveis pelas crianças com TEA foram: não falar, estereotípias, falta de contato visual e falta de interação com outras crianças. Independente da demanda dos responsáveis às habilidades trabalhadas no início da terapia foi a interação social (F1 e F3); F1 alegou fazer

PROFISSIONAIS	QUEIXAS RELATADAS PELOS PAIS
F1	"Não falar, presença de comportamentos repetitivos"
F2	"Os pais relatam que a criança apresenta estereotípias, não mantém contato visual e há falta de interação com outras crianças"
F3	"Há dificuldades de linguagem, comportamento e fala"
F4	"Que a criança precisa falar ou melhorar a fala"
F5	"Não verbaliza"

Figura 2. Queixas relatadas pelos pais de crianças diagnosticadas com TEA

uso de estímulo visual e auditivo, pintura, desenho e estimulação sensorial; e F3 afirmou fazer uso de brinquedos e materiais confeccionados para a estimulação de tal habilidade. F2 relatou que as habilidades estimuladas são atividades sensoriais e pistas visuais, fazendo uso de jogos educativos, desenhos e materiais coloridos. De acordo com F4, as habilidades estimuladas são o contato visual e sentar, por meio de reforço positivo. F5 relatou estimular, inicialmente, habilidades de linguagem não verbal, por meio de quebra-cabeça e brinquedos que representam objetos do cotidiano, tais como utensílios domésticos.

Em relação aos métodos utilizados na terapia, F1 e F5 afirmaram não utilizar nenhum tipo de método, este último porque ainda não possui formação

complementar concluída. F2 relatou fazer uso do TEACCH; F3 afirmou aplicar na terapia TEACCH, PECS e Integração Sensorial; F4 relatou fazer uso de PECS e instrumentos de avaliação, como Childhood Autism Rating Scale (CARS) e a Escala de Avaliação de Traços Autísticos (ATA).

Em relação aos recursos utilizados na terapia, a maioria dos profissionais indicou utilizar recursos que contribuem de forma significativa para a terapia e estimulação do jogo simbólico. É possível perceber na fala de F5, quando questionado sobre quais recursos são utilizados na terapia, que:

"O lúdico, e entre as mais utilizadas está o quebra-cabeça e os objetos de vida diária; como prato, panela, colher, entre outros". (F5)

NÚMERO	HABILIDADE TRABALHADA NO INÍCIO DA TERAPIA	MÉTODOS UTILIZADOS	RECURSOS UTILIZADOS NA TERAPIA
F1	Interação	-	Estímulo visual, auditivo, pintura, desenho, estimulação sensorial
F2	Pistas visuais, estimulação sensorial	TEACCH	Jogos educativos, desenhos e materiais coloridos
F3	Interação	TEACCH, PECS, Estimulação Sensorial	Brinquedos e material confeccionado
F4	Sentar e contato visual	PECS (em algumas crianças), instrumentos de avaliação (CARS, ATA)	Reforço positivo
F5	Habilidades de linguagem não verbal	Não aplica protocolo, pois ainda está em formação	Quebra-cabeça e os objetos de vida diária

Figura 3. Habilidades estimuladas no início da terapia, métodos e recursos utilizados pelos profissionais

O jogo simbólico na terapia e a frequência desta, F1, F2 e F5 comentaram sempre haver estimulação, desde o início do tratamento. Segundo F3, sempre há a tentativa de introduzir, porém, de acordo com este profissional, às vezes, é necessário que haja a abordagem de "coisas" mais objetivas.

Para F4, a inclusão do jogo simbólico ocorre apenas em alguns momentos, para trabalhar imitação motora, criatividade e interação social.

Em relação aos avanços observados no decorrer das terapias, todos os fonoaudiólogos apontaram melhoras na atenção, interação social,

concentração, atividades em grupo, maior participação na escola, inclusive no desenvolvimento da linguagem, havendo também relato de pais e outros profissionais em relação aos avanços apresentados pelas crianças.

“Todas as habilidades trabalhadas apresentam avanços em menor ou maior grau. Aspectos cognitivos, sociais e comportamentais” (F4)

“Apresenta avanços na atenção, interação social, tolerância e níveis de linguagem” (F5)

No que se refere ao relato de pais ou outros profissionais sobre as habilidades desenvolvidas pelas crianças, todos os profissionais afirmaram que sempre há *feedback*, mesmo que às vezes apenas dos pais:

“Apenas os pais relatam. Desenvolvimento no contato visual e comandos” (F2)

“Relatam, principalmente em relação às orientações realizadas” (F5)

Discussão

O objetivo deste estudo é verificar o jogo simbólico na intervenção fonoaudiológica em crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autístico. Estudos comprovam a eficácia da intervenção fonoaudiológica direta e indiretamente, ou seja, a prática clínica associada à orientação e acompanhamento junto aos familiares¹⁴. Esta é voltada para as habilidades e inabilidades de cada criança, promovendo o desenvolvimento comunicativo e social. No entanto, os participantes F4 e F5 relataram atender uma média de oitenta crianças por semana, demonstrando uma demanda e sobrecarga de atuação na área desses profissionais, podendo este fator influenciar na terapia, uma vez que é necessário analisar as manifestações respeitando a individualidade de cada paciente.^{13, 15, 16}

Em relação à abordagem terapêutica, o método TEACCH, que favorece uma avaliação, discriminando quais são as habilidades atuais da criança [...] e o que ajuda a desenvolvê-las¹⁰. Por isso, este método é muito importante para a avaliação e estruturação de um plano terapêutico eficaz¹¹. Porém, mesmo sem capacitação, F2 afirma inserir esse método na terapia. Para aplicar tal técnica é

preciso que haja capacitação do profissional, para que ele possa ter conhecimento sobre as teorias que estruturam tal método e habilidade para lidar com as manifestações relacionadas ao autismo^{12, 14}

No que se refere à estimulação do jogo simbólico, foi possível observar variedade nas respostas dos profissionais:

“Sempre há estimulação, dependendo da idade acontece desde o início da terapia (F1)”

“Sempre há a tentativa de introduzir, porém às vezes é necessário a abordagem de coisas mais objetivas (F3)”

Há um contraste entre as falas de F1 e F3. Enquanto o primeiro afirma sempre haver estimulação, mesmo tendo como fator determinante a idade, subteve-se na fala de F3 que este profissional não estimula o jogo simbólico com muita frequência.

O estudo com o objetivo de verificar o desempenho sócio-cognitivo de crianças com TEA, deficiência mental e deficiência auditiva, aponta que, entre os aspectos sócio-cognitivos, o jogo simbólico é o mais prejudicado em crianças autistas, principalmente em comparação aos outros grupos estudados (deficiência mental e deficiência auditiva), tanto em situações individuais quanto em grupo¹⁷.

É inegável que a criança, em especial crianças com TEA, apresentam peculiaridades e necessidades distintas; porém é notável o déficit em crianças autistas na capacidade de simbolizar, sendo muito importante que a estimulação do jogo simbólico seja inserida no processo terapêutico, a fim de estimular intenção comunicativa, resolução de problemas e outros aspectos que possam promover o desenvolvimento da linguagem e da interação social. F3 relatou que a interação é uma das habilidades trabalhadas no início da terapia, entretanto, ressaltou que existem prioridades na abordagem, não sendo uma delas o jogo simbólico.

Para F5 é evidente a importância da orientação aos pais, sendo um fator necessário para a compreensão acerca da assistência que deve ser prestada à criança e a promoção da participação ativa dos pais, proporcionando, conseqüentemente, maior contribuição dos pais/familiares para o bom desempenho da terapia²⁰.

NÚMERO	MOMENTO E FREQUÊNCIA DE ESTIMULAÇÃO	PERCEPÇÃO DE AVANÇOS	FORMAÇÃO DE VÍNCULO	RELATO DE PAIS/OUTROS PROFISSIONAIS
F1	"Sempre há estimulação, acontece desde o início da terapia"	"Melhoras na interação, atividades em grupo, concentração"	"Sim, dependendo do paciente. Ocorre desde o início da terapia"	"Melhoras na interação"
F2	"Sim, desde o início da terapia"	"Melhoras na atenção, concentração e interação"	"Sim, foi construído gradativamente"	"Apenas os pais relatam. Desenvolvimento no contato visual e comandos"
F3	"Sempre há tentativa de introduzir, porém às vezes é necessário a abordagem de coisas mais objetivas"	"Melhor desenvolvimento na fala, maior participação na escola, melhoras na atenção"	"Sim, porém é variável"	"Os pais relatam avanços na fala e na interação"
F4	"Em alguns momentos para trabalhar a imitação motora, criatividade e interação com o outro"	"Todas as habilidades trabalhadas apresentam avanços em menor ou maior grau. Aspectos cognitivos, sociais e comportamentais"	"Sim, a partir da primeira interação. O vínculo aumenta com o tempo"	"Sempre"
F5	"Em todo momento, nas variadas idades"	"Apresenta avanços na atenção, interação social, tolerância e níveis de linguagem"	"Há vínculo, envolvimento"	"Relatam, principalmente em relação às orientações realizadas"

Figura 4. Estimulação do jogo simbólico, avanços observados e formação de vínculo

Todos os profissionais que participaram deste estudo atuam em instituições que geralmente têm alta demanda de pacientes, o que dificulta a constituição de um planejamento individualizado, a aplicação de algumas metodologias e a análise das histórias e rotinas de cada criança. Isso pode influenciar o desenvolvimento da terapia, podendo fazer com que os objetivos terapêuticos e as habilidades trabalhadas possam ser alcançados em um prazo maior do que o esperado.

Todas as variáveis apresentadas são determinantes para a constituição e execução de planejamentos, bem como para a inclusão de determinadas metodologias na terapia. O curto tempo de formação, a falta de capacitação, a grande demanda de pacientes e possíveis dificuldades na formação de vínculo são fatores que influenciam e sempre devem ser considerados quando se quer estruturar um planejamento mais específico para a obtenção progressiva de novas aquisições pela criança.

Para que o jogo simbólico seja estimulado é necessário que a criança tenha prazer ao jogar, bem como experiências variadas com o meio. Sendo necessário também que o terapeuta, junto com os responsáveis pela criança, possam mediar e estimular tais vivências e direcioná-las para que haja a aquisição de outras habilidades.²¹

Conclusão

O jogo simbólico é inserido na intervenção fonoaudiológica de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autístico. Para os fonoaudiólogos que atuam na área, os pacientes precisam, principalmente, de abordagens que estimulem comportamentos funcionais e adequados, considerando o jogo simbólico como secundário para o desenvolvimento cognitivo e de linguagem dessas crianças.

Referências bibliográficas

1. Silver R, Esteve MJ, Huerin V, Raznoszczyk de Schejtman C, Duhalde C, Vernengo P. Juego, simbolización y regulación afectiva en niños preescolares. *Anu. Investig. [periódico na internet]*. 2013 [acesso em 2016 set 18]; 20: 269-276. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16862013000200033.
2. Freitas MLLU. A evolução do jogo simbólico na criança. *Cien. Cogn. [periódico na internet]*. 2010 [acesso em 2016 set 18]; 15(3):145-163. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/viewFile/343/240>.
3. Dias F. O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição da linguagem. *Letrônica [periódico na internet]*. 2010 [acesso em 2018 abr 28]; 3(2): 107-119. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/7093/5931>.

4. Vygotsky LS. A formação social da mente [internet]. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007 [acesso em 2016 fev 26]. Disponível em: <www.egov.ufsc.br/.../vygotsky-a-formac3a7c3a3o-social-da-mente.pdf>.
5. Thiemann-Bourque KS, Brady NC, Fleming KK. Symbolic play of preschoolers with severe communication impairments with autism and other developmental delays: more similarities than differences. *J autism Dev Disord.* [periódico na internet]. 2012 [acesso em 2016 nov 17]; 42(5): 863-873. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3268009/>.
6. Tamanaha AC, Chiari BM, Perissinoto J, Pedromônico MR. A atividade lúdica no autismo infantil. *Distúrbios Comun.* [periódico na internet]. 2006 [acesso em 2016 set 18]; 18 (3): 307-312. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/11818/8543>.
7. Pierucci JM, Barber AB, Gilpin AT, Crisler ME, Klinger MG. Play assessments and developmental skills in young children with autism spectrum disorders. *Focus Autism Other Dev Disabl.* [periódico na internet]. 2015 [acesso em 2016 nov 20]; 30(1): 35-43. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1088357614539837?journalCode=foab>.
8. Marques DF, Bosa CA. Protocolo de avaliação de crianças com autismo: evidências de validade de critério. *Psic.: Teor. e Pesq.* [periódico na internet]. 2015 [acesso em 2016 set 18]; 31 (1): 43-51. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n1/0102-3772-ptp-31-01-0043.pdf>.
9. Moreno CXZ, Solovieva Y. Indicadores de adquisición de la función simbólica en el nivel de acciones materializadas em preescolares. *Pensam. Psicol.* [periódico na internet]. 2015 [acesso em 2016 set 17]; 13(2): 79-94. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/801/80143106006/>.
10. Sá MGCS, Siquara ZO, Chicon JF. Representação simbólica e linguagem de uma criança com autismo no ato de brincar. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte.* [periódico na internet]. 2015 [acesso em 2016 set 19]; 37(4): 355-361. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v37n4/0101-3289-rbce-37-04-0355.pdf>.
11. Gonçalves CAB, Castro MSJ. Propostas de intervenção fonoaudiológica no autismo infantil: revisão sistemática da literatura. *Distúrb Comun* [periódico na internet]. 2013 [acesso em 2018 abr 28]; 25(1): 15-25. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/14920/11128>.
12. Celín SH, Gobbi FHA, Lemos SMA. Fonoaudiologia e humanização: percepção de fonoaudiólogas de um hospital público. *CEFAC* [periódico na internet]. 2012 [acesso em 2018 abr 28]; 14(3): 516-527. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v14n3/19-11.pdf>.
13. Campos CJG. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev Bras Enferm* [periódico na internet]. 2004 [acesso em 2018 abr 28]; 57(5): 611-4. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>.
14. Tamanaha AC, Chiari BM, Perissinoto J. A eficácia da intervenção terapêutica fonoaudiológica nos distúrbios do espectro do autismo. *CEFAC* [periódico na internet]. 2015 [acesso em 2018 abr 28]; 17(2): 552-58. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v17n2/1982-0216-rcefac-17-02-00552.pdf>.
15. Defense-Netrval DA, Fernandes FDM. A oferta da terapia fonoaudiológica em locais de assistência a indivíduos com Transtornos do Espectro Autista (TEA). *CoDAS* [periódico na internet]. 2016 [acesso em 2016 nov 17]; 28(4): 459-462. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-17822016005008103&lng=en&nrm=iso&tlng=en.
16. Kwee CS, Sampaio TMM, Atherino CCT. Autismo: uma avaliação transdisciplinar baseada no programa TEACCH. *Rev. CEFAC* [periódico na internet]. 2009 [acesso em 2016 set 27]; 11 (Suppl 2), 217-226. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-18462009000600012.
17. Ichikawa K, Takahashi Y, Ando M, Anme T, Ishizaki T, Yamaguchi H, Nakayama T. TEACCH-based group social skills training for children with high-functioning autism: a pilot randomized controlled trial. *BioPsychoSoc. Med.* [periódico na internet]. 2013 [acesso em 2016 set 20]; 7(14). Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3850504/>.
18. Sánchez-Raya MA, Martínez-Gual L, Elvira JAM, Salas BL, Cívico FA. La atención temprana em los trastornos del espectro autista (TEA). *Psicol. educ. (Madr.)* [periódico na internet]. 2015 [acesso em 2016 set 20]; 21(1): 55-63. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1135755X15000081>.
19. Gonçalves TM, Pedruzzi CM. Levantamento de protocolos e métodos diagnósticos do transtorno autista aplicáveis na clínica fonoaudiológica: uma revisão de literatura. *Rev. CEFAC* [periódico na internet]. 2013 [acesso em 2016 set 21]; 15(4): 1011-18. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-18462013000400031&script=sci_abstract&tlng=es.
20. Reis HIS, Pereira APS, Almeida LS. Características e especificidades na comunicação social na perturbação do espectro do autismo. *Rev. Bras. Ed. Esp.* [periódico na internet]. 2016 [acesso em 2016 set 30]; 22(3): 325-336. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-65382016000300325&script=sci_abstract&tlng=pt.
21. Fernandes FDM. Transtornos globais do desenvolvimento. In: Lopes-Herrera SA, Maximino LP. *Fonoaudiologia: intervenções e alterações da linguagem oral infantil*. 2. ed. São Paulo: Book Toy Livraria e Editora, 2012. 77p.
22. Zwaigenbaum L, Bauman ML, Stone WL et al. Early identification of autism spectrum disorder: recommendations for practice and research. *Pediatrics* [periódico na internet]. 2015 [acesso em 2016 nov 10]; 136 (suppl 1): S10-S40. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26430168>.
23. Cardoso C, Rocha JFL, Moreira CS, Pinto AL. Desempenho sócio-cognitivo e diferentes situações comunicativas em grupos de crianças com diagnósticos distintos. *J Soc Bras Fonoaudiol.* [periódico na internet]. 2012 [acesso em 2016 set 30]; 24(2): 140-4. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S2179-64912012000200009&script=sci_arttext&tlng=pt.
24. Brunsdom VEA, Colvert E, Ames C, Garnett T, Gillan N, Hallett V, Lietz S, Woodhouse E, Bolton P, Happé F. Exploring the cognitive features in children with autism spectrum disorder, their co-twins, and typically developing children within a population-based sample. *J Child Psychol Psychiatr* [periódico na internet]. 2015 [acesso em 2016 set 30]; 56(8): 893-902. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/25418509>.



25. Zwaigenbaum L, Bauman ML, Choueiri R et al. Early intervention for children with autism spectrum disorder under 3 years of age: recommendations for practice and research. *Pediatrics* [periódico na internet]. 2015 [Acesso em 2016 nov 10]; 134 (Suppl 1): S60-S81. Disponível em: < <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4730891/> >.

26. Kasari C, Chang Y-C, Patterson S. Pretending to play or playing to pretend: the case of autism. *Am J Play* [periódico na internet]. 2013 [acesso em 2016 nov 17]; 6(1): 124-135. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4662258/>.

APÊNDICE – Entrevista estruturada

O jogo simbólico na intervenção fonoaudiológica em crianças com Transtorno do Espectro Autista

QUESTIONÁRIO PARA FONOAUDIÓLOGOS QUE ATUAM COM CRIANÇAS AUTISTAS*

*Adaptado a partir do Protocolo do Estado de São Paulo de Diagnóstico, Tratamento e Encaminhamento de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista

Número de identificação: _____

Idade: _____ () 20-30 anos () 31-40 anos () outro _____

Tempo de atuação: _____ () 1 ano () 3 anos () mais de 05 anos

Instituição: () ONG - CER () Instituição especializada na área do autismo

Tem formação complementar relacionada ao autismo?

Sim () Não ()

Se sim, qual (is)? _____

Há quanto tempo desde sua última formação complementar?

() menos de 6 meses () 1 ano () 03 anos () mais de 03 anos

Qual a média de crianças autistas atendidas por semana?

() menos de 05 crianças () 05-10 () 11-20 () mais de 20

Quais são as principais queixas apontadas pelos pais/responsáveis? _____

Que habilidade é trabalhada no início da terapia? Por quê? _____

Utiliza algum método ou instrumento em sua terapia? _____

Quais são os recursos mais utilizados durante as terapias? _____

A partir da habilidade trabalhada, são perceptíveis avanços consideráveis no comportamento da criança? Se sim, em quais aspectos? _____

Em qual momento e com que frequência o jogo simbólico é estimulado?

Houve estabelecimento de vínculo terapêutico? Se sim, em qual momento?

Os pais ou outros profissionais relataram avanços no desenvolvimento da criança?
